

## (Un)Folding the Matrix: Reflections on Architecture and Technology by Feminist Collectives at the end of the 20th century

Thaysa Malaquias <sup>1</sup>, Phillipe Costa <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil  
thaysa.malaquias@fau.ufrj.br

<sup>2</sup> Federal University of Ouro Preto, Ouro Preto, Brazil  
phillipe.costa@ufop.edu.br

**Abstract.** This article explores the patriarchal and classical influences on architectural production, resulting in spaces that perpetuate social inequalities and exclude marginalized identities. Drawing from the experience of the Matrix Co-operative of female architects, which aimed at inclusivity and transformation of built environments for women, and the cyberfeminist group VNS Matrix, which harnessed digital technologies to create spaces of free expression, this study draws parallels between both movements. Despite being separated by decades and continents, both groups share a commitment to promoting social change and dismantling oppressions of gender, race, sexuality, and class in physical and virtual spaces.

**Keywords:** Cyberfeminism, Feminism, Matrix Co-Operative, VNS Matrix, Inclusivity

### 1 Introdução

“Mas, em vez de repensar outra versão de tipos arquitetônicos ou padrões urbanos mais antigos, devemos nos concentrar em ir além de uma estrutura binária do ambiente. Mais uma vez, devemos repensar a própria ideia de espaço.” (Torre, 1978)

Historicamente, a produção arquitetônica refletiu numa lógica patriarcal e classicista, gerando espaços que perpetuam desigualdades e privilegiando o modelo androcêntrico-branco-hétero-europeu, marginalizando identidades tidas como a margem do sistema, como diz Diana Agrest. Reconhecer essas exclusões é essencial para incorporar perspectivas marginais na prática arquitetônica, desconstruindo divisões subjacentes e construindo espaços sob novas visões. Essas manifestações simbolizam um novo movimento feminista que influenciou o ideal contracultural do final do século XX, levando a novas

arquitetas a adotarem abordagens teóricas radicais, reconhecendo os problemas de gênero como fundamentais na disciplina da arquitetura.

Um exemplo notável é a Cooperativa Matrix, fundada nos anos 80 em Londres, oferecendo serviços gratuitos para auxiliar mulheres nos processos de projeto e destacando as experiências distintas das mulheres em relação ao espaço. Paralelamente, as tecnologias digitais emergentes do final do século XX também entraram em debate, enquanto algumas feministas viam oportunidades de reverter as opressões através do uso dessas tecnologias. Este artigo traça um paralelo entre o ativismo da Cooperativa Matrix e do grupo ciberfeminista VNS Matrix, que ocorria no espaço virtual, destacando como ambos os grupos compartilharam o compromisso de mudança social e transformação dos espaços por mulheres, seja através da prática inclusiva e sensível ao gênero ou pela utilização das tecnologias para criar espaços de expressão livre para mulheres. Ambos reconheceram que o espaço é um produto cultural carregado de significados de poder, desafiando opressões de gênero, raça, sexualidade e classe e tornando-se ponto para o século XXI.

## **2 Metodologia**

Esta pesquisa é uma parte do desenvolvimento da Tese de Doutorado da arquiteta, urbanista e pesquisadora Thaysa Malaquias, em que se discute a atuação das mulheres e seus processos de projeto e participação. Aqui, a pesquisa deste artigo focará em discutir tanto as principais atuações de dois coletivos feministas distintos, Matrix Feminist Design Co-operative e VNS Matrix quanto seus contextos no campo da arquitetura. Ambos os grupos atuaram em diferentes espaços, mas compartilham semelhanças tanto sob a ótica da desconstrução das normativas espaciais quanto no papel da atuação das mulheres dentro do espaço físico e virtual. Para fazer a análise, levantamos textos da teoria da arquitetura e da crítica de feministas que não só estiveram próximas destes movimentos quanto analisaram seus contextos e impactos para os dias de hoje.

### 3 Matrix Feminist Design Co-operative – a prática arquitetônica sob a ótica das mulheres



Matrix, from left: Rachel Ferguson, Annie-Louise Phiri, Janith Wong, Ann de Graft Johnson, Julia Dwyer, Sheelagh McManus. Photo: Geoff Beeckman.

Figura 1. Foto de parte das integrantes da Cooperativa Matrix. Fonte: [http://www.matrixfeministarchitecturearchive.co.uk/group\\_photos/](http://www.matrixfeministarchitecturearchive.co.uk/group_photos/).

As estruturas de dominação e das formas regulatórias do poder estão expressas na própria produção dos espaços. Um dos caminhos na inclusão do gênero feminino na arquitetura envolve desmascarar as divisões espaciais ocultas sob a aparente imparcialidade e neutralidade da arquitetura, seguido a reconstrução dessa prática por meio de projetos com uma nova perspectiva e visão renovada. O Coletivo Matrix - Feminist Design Co-Operative, surgido na década de 1980 em Londres, é prova disso. Esse grupo, formado por oito mulheres que se conheceram no Feminist Design Collective (1978), busca promover serviços gratuitos de arquitetura para mulheres, trazendo uma visão inovadora para a prática dentro de uma crítica da arquitetura moderna que incorporaria a dimensão feminista.

A Matrix Feminist Design Co-Operative criou arquiteturas inclusivas, participativa e sensível ao gênero oferecendo serviços gratuitos de arquitetura para mulheres. Elas acreditavam que as mulheres possuíam necessidades e experiências específicas relacionadas à arquitetura e ao espaço construído que deveriam ser levadas em consideração no processo de projeto e construção. Por meio de sua prática arquitetônica, o coletivo buscava capacitar as mulheres para participarem ativamente do processo de criação do ambiente construído, desafiando as relações de poder tradicionais dentro da prática arquitetônica.

O grupo era composto por profissionais diversificadas, como arquitetas, professoras do ensino superior, pesquisadoras, mães, uma construtora, uma jornalista e uma gerente de habitação. São elas: Jos Boys, arquiteta, jornalista e professora especializada em arquitetura, que atualmente trabalha em um serviço de consultoria comunitária. Frances Bradshaw que estudou arquitetura e é qualificada como pedreira, trabalhando em projetos feministas e comunitários. Jane Darke que possui formação em arquitetura e sociologia, trabalhando para o Conselho Municipal de Sheffield. Benedicte Foo que é arquiteta e professora de design além de ser mãe de dois filhos. Sue Francis, arquiteta, carpinteira e membro da cooperativa Matrix, vivendo em uma casa construída em conjunto com amigos. Barbara McFarlane que tem formação arquitetônica e trabalha na cooperativa. Marion Roberts é arquiteta qualificada, especializada em arquitetura comunitária e as divisões sexuais e design de habitação.

A formação da Matrix não foi inicialmente pensada como um grupo de conscientização, mas sim como uma plataforma para mulheres envolvidas no ambiente construído se unirem. Muitas das integrantes do coletivo faziam parte do Movimento da Nova Arquitetura (NAM, na sigla em inglês), um grupo que buscava tornar os arquitetos mais responsáveis perante os usuários das edificações e questionava as dinâmicas de poder dentro da profissão. Um grupo de discussão feminista surgiu dentro do NAM e organizou a conferência "Mulheres e Espaço" em 1979, que despertou grande interesse apesar da escassez de literatura disponível sobre o assunto. Inspiradas pelo sucesso da conferência e pela necessidade de aprofundamento, a Matrix começou a se reunir regularmente em 1980 para explorar profundamente seus interesses de pesquisa, práticas arquitetônicas e experiências pessoais. As atividades do grupo se expandiram para incluir uma exposição intitulada "Home Truths", focada na participação das mulheres no design de moradias.

No artigo *Matrix: A Radical Approach to Architecture*, a autora Janie Grote (1992) destaca que a Matrix Architects propõe não apenas uma nova abordagem para a arquitetura, mas também uma prática feminista que se diferencia das práticas convencionais dominadas por homens nas relações profissionais e de negócios. A estrutura cooperativa de trabalhadores adotada pela Matrix garante igual poder e propriedade a cada membro, eliminando hierarquias e discriminação com base em riqueza. Segundo Grote (1992), a prática também implementou horários flexíveis, trabalho em meio período e recrutamento com ações afirmativas para combater a discriminação relacionada a raça, classe, sexualidade e maternidade. Essa abordagem inclusiva e igualitária possibilita uma visão mais abrangente e criativa, aproveitando as diversas experiências e origens das mulheres envolvidas no processo de projeto de edifícios.

Ao longo do tempo, as discussões se tornaram mais formais e abordaram temas relacionados à pesquisa, prática arquitetônica, experiência de cuidado infantil e vida cotidiana. O grupo também realizou uma exposição sobre o tema das mulheres e o projeto de casas. A criação da Matrix, como uma organização

guarda-chuva, veio como resposta ao interesse externo no trabalho realizado. O objetivo central da Matrix foi de desenvolver uma abordagem feminista para o design, por meio de projetos práticos e análise teórica, e compartilhar suas ideias de forma ampla. Em resposta ao crescente interesse em seu trabalho, a Matrix se constituiu como uma organização abrangente que englobava diversos projetos de oficinas e exposições para mulheres na arquitetura (Figuras 2 e 3)

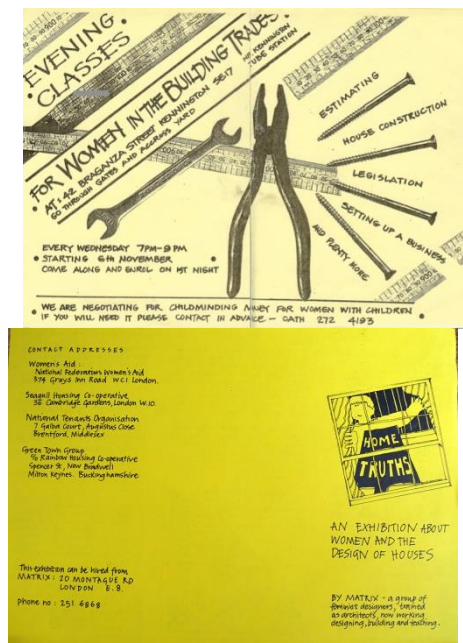


Figura 2 e Figura 3. Panfletos e folhetos publicitários que promovem eventos organizados pela Matrix, de 1987. Fonte: <http://www.matrixfeministarchitecturearchive.co.uk/events/>.

A partir de suas experiências práticas, o coletivo publicou o livro *Making Space: Women and the Man-Made Environment*, em 1984, criticando o determinismo da arquitetura moderna, que trata os usuários dos edifícios como marionetes, enfatizando que a disposição do espaço em edifícios e entre eles pode ter efeitos não intencionais na vida social em geral. Defendendo, deste modo, a importância de considerar as necessidades das mulheres no design espacial de espaços públicos e privados, enfatizando a relevância de espaços confortáveis, seguros e flexíveis. As autoras também defenderam a participação ativa das comunidades locais ao longo do processo de projeto, bem como uma abordagem feminista e interseccional para o planejamento urbano e arquitetônico. Além disso, problematizaram as práticas que valorizam tipos específicos de corpos e mentes em detrimento de outros, destacando a

importância de levar em conta as experiências das mulheres das classes trabalhadoras, negras e de minorias étnicas.

#### **4 VNS Matrix – ciberespaço como novo espaço social**

As novas tecnologias digitais revitalizaram movimentos sociais, facilitando a organização e ampliando o alcance das ações. Especialmente no feminismo, as redes sociais impulsionam novas abordagens discursivas e mobilização política através de textos, blogs, vídeos e expressões artísticas. Hoje, a internet e outras ferramentas tecnológicas são utilizadas não apenas para problematizar questões relacionadas ao "ser mulher", mas também para a mobilização política. A midiatização, caracterizada pela presença constante da comunicação digital, remodela interações sociais e identidades individuais, complementando a realidade cotidiana com inovações de sociabilidade e significados culturais. Isso é resultado de um processo contínuo em que a mídia assume um papel reorganizador na sociedade.

Embora muitos de nós consideremos o ciberfeminismo como um movimento recente, surpreendentemente, suas origens remontam aos anos 80. O que testemunhamos hoje é uma evolução e uma nova manifestação dessa prática. Essas raízes precursoras do ciberfeminismo destacam a sua relevância histórica e a sua capacidade de se adaptar às transformações tecnológicas e sociais ao longo do tempo. O pioneirismo dessas primeiras interações virtuais entre mulheres ecoa nas concepções contemporâneas do movimento, como veremos a seguir.

Podemos afirmar que a responsável pelo "ciberfeminismo" foi o artigo da bióloga, filósofa e escritora Donna Haraway, Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, originalmente publicado na *Socialist Review* em 1985. Esse ensaio descreve a crise identitária enfrentada pelos movimentos sociais, em particular o movimento feminista, e destaca a influência das novas tecnologias nesse contexto. Os conceitos desenvolvidos por Haraway são essenciais para a compreensão da teoria ciberfeminista, e fornecem uma ampla análise das interseções entre o feminismo e as novas tecnologias.

Haraway (2000) critica marxismo, feminismo radical e outros movimentos sociais por sua incapacidade de trabalhar com categorias como classe, raça e gênero de maneira abrangente. Ela questiona especialmente a forma como o movimento feminista tratava a categoria "mulher" de forma naturalizada. Para Haraway (ibidem), era imperativo romper com a noção essencialista de "ser mulher" e compreender a identidade como uma coalizão política baseada em afinidades, não em identificações concebidas como "naturais". Nesse contexto, o conceito de "ciborgue" emerge como um modelo para essa nova política identitária. A autora concebe o ciborgue como a fusão de animal e máquina, representando nossa relação com dispositivos eletrônicos e digitais.

“A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica.” (Haraway, 2000, p.36)

Em seu texto *On the Matrix: Cyberfeminist Simulations*, Sadie Plant (1996) explora a relação entre ciberfeminismo, ciberespaço e tecnologia. A autora enfatiza como o ciberfeminismo não é apenas sobre observar tendências tecnológicas, mas também sobre questionar a dominação masculina no ciberespaço. O ciberfeminismo “*é uma insurreição dos bens e materiais do mundo patriarcal, uma emergência dispersa, distribuída, composta por links entre mulheres, mulheres e computadores, computadores e links de comunicação, conexões e redes conexionalistas*” (Plant, 1996, p.335). Assim como Haraway, ela sugere que, enquanto as ideias do feminismo moderno podem ter contribuído para algumas mudanças, elas não são suficientes para enfrentar as transformações mais profundas e complexas que estão ocorrendo. O ciberespaço, embora dominado por homens e projetado com intenções masculinas, está sendo desafiado pelas mulheres que invadem os circuitos e exploram sua pós-humanidade. Nesse contexto, Plant destaca o surgimento do “vírus ciberfeminista” nos anos 90, com o grupo VNS Matrix (Figura 1), um grupo australiano formado por quatro mulheres; Josephine Starrs, Julianne Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barratt, que desafia o controle patriarcal por meio de manifestos e obras de arte. Destaca, dentre elas, a mais impactante, *A Cyberfeminist Manifesto for the 21 Century*, de 1991 (Figura 2), produzida e exibida como um outdoor digitalizado em uma movimentada rua da cidade de Sidney.



Figura 4. Obra Infiltrate – VNS Matrix (1994) em uma integração da arte com suas participantes. Fonte: <http://vnsmatrix.net/>



Figura 5. O outdoor de The Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century, por VNS Matrix, 1991. Fonte: vnsmatrix.net

O artigo *Slimy metaphors for technology: 'the clitoris is a direct line to the Matrix'*, de Jyanni Steffensen (1998), explora fantasias futuristas e a instalação de arte eletrônica ALL NEW GEN realizada em 1993 pelo VNS Matrix. A instalação incluía um jogo de computador, vídeo e manifesto ciberfeminista (Figura 3). O foco é na afirmação da VNS Matrix de que "o clitóris é uma linha direta para a Matrix", reconfigurando a sexualidade feminina como um "falo" de raio laser, desafiando discursos tecnófilos e tecnofílicos da ficção cyberpunk. A instalação reestrutura a sexualidade feminina através de fantasias futuristas, codificando o clitóris como um "falo" de raio laser - um símbolo de poder e conexão direta - dentro da Matrix ciberespacial. A autora também explora teorias feministas além dos mitos e práticas culturais psicanalíticas, a partir dos conceitos de "tecnologias do sexo" de Michel Foucault e das "máquinas desejanças" de Gilles Deleuze.

Em suma, o movimento ciberfeminista representado pelo VNS Matrix desafia os paradigmas convencionais ao imaginar uma relação revolucionária entre mulheres e tecnologia. Ao rejeitar a dicotomia de poder entre máquinas dominantes e corpos subjugados, as ciberfeministas propõem uma aliança subversiva entre mulheres e entidades inteligentes não humanas. A concepção de um corpo ciborgue, conforme delineado por Donna Haraway, transcende a noção de unidade original, favorecendo a interação entre superfícies, intertextos e dialogismos genéricos. Esse movimento busca celebrar a parcialidade, a ironia, a perversidade e a intimidade como forças transformadoras, reconfigurando assim a dinâmica entre gênero, tecnologia e emancipação.



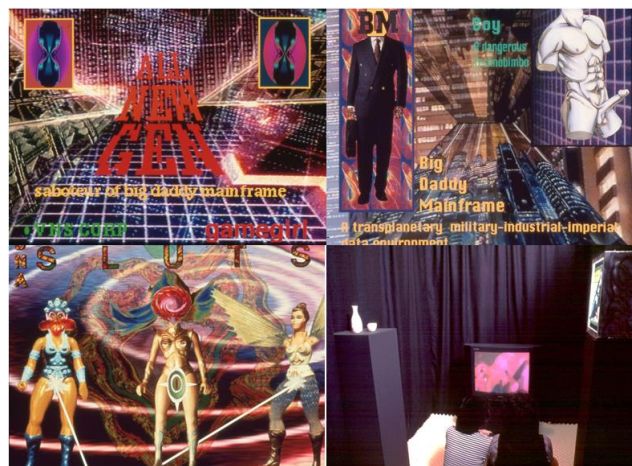


Figura 6. Elementos do hipotético jogo de computador All New Gen/Big Daddy Mainframe e Circuit Boy /DNA SLUTS e pessoas interagindo com o vídeo da exposição – Um mosaico de imagens digitais e fotografias da exposição. Por VNS Matrix (1993).  
Fonte: <https://vnsmatrix.net/projects/all-new-gen>

## 5 O ativismo híbrido das Matrix(es) entre os espaços

Em seu livro "Zeros+Ones: Digital women+the new technoculture", Sadie Plant (1997) estabelece uma relação entre a matriz de cálculo utilizada nos computadores e o conceito de matriz feminina. Ela argumenta que os sistemas de informática têm mais semelhanças com as características associadas às mulheres do que com aquelas associadas aos homens, tais como uma identidade singular, estática, unidirecional e não relacional. Plant destaca que a palavra "matriz" é frequentemente utilizada no discurso como uma metáfora essencial que busca propor uma construção alternativa, intrínseca à própria estrutura da máquina e ao processador do sistema: "Matrix", a matriz. Além disso, a autora sugere que a rede de comunicação é uma representação eficaz do potencial transformador das mulheres e das conexões entre elas, projetando uma inovação para evoluir a sociedade.

A Matrix Feminist Design Co-operative, emerge como um catalisador de reflexões significativas desde a sua criação nos anos de 1980 até os dias atuais, bem como inspiração. Sua abordagem pioneira, comprometida e política, com a escuta ativa das mulheres e a incorporação de suas perspectivas, desafiou o status quo ao reconhecer e abordar as experiências silenciadas e as demandas negligenciadas, auxiliando mulheres a reivindicar seu espaço físico e social. Uma década após, o coletivo ciberfeminista VNS Matrix surge também como uma força pioneira e transformadora que desafia a dominação patriarcal tanto no ciberespaço quanto na esfera física. Inspirado pelas visões de Plant e Haraway, o VNS Matrix rompe com as abordagens

tradicionais do feminismo, questionando sua eficácia e propondo uma nova forma de resistência e empoderamento. Ao explorar a interseção entre ciberespaço e feminismos, o coletivo cria um ambiente de desconstrução das normas de gênero, redefinindo as relações sociais e potencializando a capacidade das mulheres de reivindicar espaços, virtuais e reais, de maneira mais inclusiva e igualitária.

Sadie Plant (1996), por sua vez, afirma não haver uma liderança de identidade singular e que não devemos buscar uma essência única ou autêntica da mulher, nem tentar resgatar um eu perdido no passado ou construir uma subjetividade ideal no presente. Em vez disso, devemos compreender que não há apenas uma ausência ou vazio, mas sim uma realidade virtual em evolução. Nesse processo emergente, a busca por uma identidade fixa é vista como inimigo, pois afasta a matriz de potencialidades das quais as mulheres sempre buscaram suas expressões. Os novos movimentos sociais, no contexto da pós-modernidade, questionaram a concepção de identidades fixas, tal como Plant (1996), provocando assim um descentramento conceitual das identidades. Stuart Hall, em "A Identidade Cultural na Pós-modernidade" (2001), também enfatiza a fluidez das identidades em constante conflito, ressaltando que as relações sociais influenciam a construção das identidades. As esferas do "eu" e do "tu" são interdependentes, e Hall destaca que a compreensão das identidades revela sua formação pela diferença e pela relação com o outro, em vez de serem estáticas e isoladas. Cada termo identitário é moldado pela relação com seu exterior constitutivo.

Sobre a questão das transformações sociais e sua relação com a construção do espaço físico, no qual a arquitetura se insere, evocamos Pierre Bourdieu, em sua obra "Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado" (2013). Para Bourdieu (2013), o espaço social não é o espaço físico, mas ele tende a se realizar de forma mais ou menos completa e exata nesse espaço. O que explica que tenhamos tanta dificuldade de pensá-lo enquanto tal, em estado separado. O espaço, tal como nós o habitamos e como o conhecemos, é socialmente marcado e construído.

Assim como o espaço físico é marcado pelas relações sociais e apropriação, o ciberespaço também é moldado pelas interações entre agentes e a distribuição de conteúdo e identidades. Essa interação entre agentes individuais e a distribuição de informações e conexões cria um novo espaço social, onde as lutas feministas são travadas e as identidades são construídas e redefinidas. Essa relação entre espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado é fundamental para compreender a interação entre o feminismo no ciberespaço e o feminismo na arquitetura. Assim como o espaço físico pode ser considerado um obstáculo à livre circulação de diferentes capitais (sociais, econômicos, culturais, simbólicos), também pode ser uma construção social e uma projeção do espaço social. O espaço físico, assim como o espaço social, é marcado e construído por relações sociais passadas e presentes (Bourdieu, 2013). No feminismo na arquitetura, essa abordagem de nos leva a considerar

como o espaço físico reflete e reproduz as relações sociais, incluindo desigualdades de gênero. A transformação do espaço físico é uma tarefa desafiadora devido à sua natureza material e complexidade morfológica. Contudo, reconhecer o espaço como construção social nos leva a considerar a importância histórica dos movimentos sociais na redefinição e criação de espaços inclusivos e igualitários.

## 6 Considerações Finais

Com a publicação do ensaio Manifesto Ciborgue de Donna Haraway em 1985 a discussão do uso ou não das novas tecnologias se tornou uma chave para apontar as questões apontadas pelo Coletivo Matrix e pelo VNS Matrix. Para o coletivo Matrix, assim como Haraway advogava, a disciplina não podia estar presa à uma ideia originária ou determinista – elas conclamavam permear outros espaços. Isto é poderoso e subverte o cânone da arquitetura: se arquitetas constroem espaços híbridos, em formação, como um corpo cibernético, poderemos destituir a arquitetura como “disciplina”. Contudo, a resposta as desigualdades do ciberfeminismo – construído em meio virtual – ainda precisa ser colocado em pauta e uma aliança forjada entre mulheres, onde a computação e a tecnologia são mais “hackeadas”, precisava ser aprofundada. Para Plant, assevera haver uma antiga relação entre tecnologia e a libertação das mulheres, e é imperativo que uma radicalização aconteça para se avançar no limite da arquitetura. Assim, tanto Plant quanto Haraway influenciam o coletivo australiano VNS Matrix, que insere o ativismo feminista na busca da livre expressão dos corpos femininos no espaço cibernético.

## References

- Agrest, D., Conway, P., & Weisman, L. K. (Eds.). (1996). *The Sex of Architecture*. New York: Harry N. Abrams.
- Bourdieu, P. (2013). Espaço Físico, Espaço Social e Espaço Físico Apropriado. *Estudos Avançados*, 27(79). São Paulo.
- Grote, J. (1992). Matrix: A Radical Approach to Architecture. *Journal of Architectural and Planning Research*, 9(2), 158-168.
- Hall, S. (2001). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Haraway, D., Kunzru, H., & Tadau, T. (Eds.). (2000). *Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-Humano*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Hawthorne, S., & Klein, R. (Eds.). (1999). *Cyberfeminism: Connectivity, Critique and Creativity*. North Geelong: Spinifex.
- Matrix. (1984). *Making Space: Women and the Man-Made Environment*. London: Verso.

- Plant, S. (1996). On the Matrix: Cyberfeminist Simulations. In R. Shiels (Ed.), *Cultures of Internet*. Sage.
- Plant, S. (1997). *Zeros+Ones: Digital Women+The New Technoculture*. Fourth Estate.
- Torre, S. (1979) Space as Matrix. *Heresies* 11. 3 (3).